

CAOS PROGRAMADO: O QUE OS OPOSITORES DO TRUNFO DE WASHINGTON ESTÃO A PLANEJAR APÓS AS ELEIÇÕES | POR WHITNEY WEBB

Posted on 7. Oktober 2020

Um ponto de vista de Whitney Webb.

Um grupo "não partidário" de republicanos neo-conservadores e democratas estabelecidos recentemente "simularam" vários cenários de catástrofe para as eleições presidenciais americanas de Novembro. Estes incluem um jogo de negócios em que uma vitória clara do titular provoca medidas "sem precedentes" que o campo de Biden poderia utilizar para impedir a reeleição de Donald Trump.

Um grupo de infiltrados do Partido Democrata e antigos oficiais da era Obama e Clinton, juntamente com um pelotão de republicanos neo-conservadores "Never Trump", realizaram simulações e "jogos de guerra" em vários "cenários apocalípticos" relacionados com as eleições presidenciais dos últimos meses.

Em várias reportagens mediáticas sobre o grupo conhecido como "Projecto de Integridade da Transição" (TIP), justifica estes exercícios dizendo que quer preparar-se especificamente para um cenário em que o Presidente Trump perde as eleições e se recusa a renunciar ao cargo, o que poderia conduzir a uma crise constitucional. No entanto, de acordo com os documentos do TIP, as suas simulações, que previam uma "vitória clara" para Trump nas próximas eleições, levaram elas próprias a uma crise constitucional, pois previam que o campo Biden tomaria medidas radicais para assegurar a presidência para si próprio, independentemente dos resultados eleitorais.

Nenhum cenário prevê a tomada de posse de Trump

Isto é particularmente preocupante considerando que a TIP tem laços significativos com a administração Obama, onde Biden serviu como vice-presidente, bem como com vários grupos que não fazem parte da campanha de Biden, mas estão obstinadamente empenhados em Biden. O facto de estes grupos terem apresentado cenários para possíveis resultados eleitorais e o seu rescaldo, todos os quais terminaram ou com a tomada de posse de Biden ou com uma crise constitucional, sugere que forças poderosas estão a pressionar o antigo vice-presidente a não aceitar uma possível derrota nas eleições.

Obviamente, isto compromete significativamente a pretensão da TIP de assegurar a "integridade" do processo de transição presidencial. Em vez disso, os factos sugerem que o grupo quer assegurar que Trump

abandone o cargo independentemente dos resultados eleitorais, ou que a própria crise constitucional seja provocada que o grupo afirma querer evitar através das suas simulações.

Tais preocupações são reforçadas por declarações recentes de Hillary Clinton que Biden "não deve ceder em circunstância alguma". "Acredito que isto se arrastará, e finalmente acredito que ele ganhará se não cedermos um centímetro e se formos tão concentrados e implacáveis como o outro lado", disse Clinton numa entrevista com a estação de televisão Showtime. Os resultados das simulações da TIP são particularmente consistentes com as declarações de Clinton de que Biden "eventualmente" ganhará se o processo de determinação dos resultados eleitorais "se arrastar".

Os "jogos de guerra" do partido da unidade

Os membros da TIP reuniram-se em Junho para encenar quatro "jogos de guerra" simulando "onze semanas negras entre o dia das eleições e o dia da inauguração", durante as quais "Trump e os seus aliados republicanos usaram cada parte do aparelho governamental - os Correios, os legisladores estaduais, o Departamento de Justiça, os funcionários federais e os militares - para se manterem no poder. Os Democratas tentaram impedir isto, de acordo com a simulação em tribunal e nas ruas, de acordo com um relatório do Boston Globe.

No entanto, uma das simulações, que examinou o que aconteceria se uma vitória clara do trunfo ocorresse entre o dia das eleições e a tomada de posse, mostra que a DICA não só simulava como os republicanos poderiam usar todas as oportunidades à sua disposição para se manterem no poder, mas também como os democratas poderiam ganhar poder se os resultados das eleições de 2020 não seguissem o seu caminho.

Enquanto alguns meios de comunicação, na sua maioria de direita, como The National Pulse, notaram que as simulações TIP levaram a campanha Biden a não fazer concessões, o documento TIP sobre os exercícios revelou os passos concretos que a campanha Biden daria após uma "vitória clara" para a campanha Trump. É evidente que estas medidas aumentariam significativamente as actuais tensões políticas nos Estados Unidos. Os passos levariam assim ao resultado exacto que se afirma querer evitar. Isto prejudica tanto a justificação oficial das simulações como a razão oficialmente declarada para a criação do grupo.

No caso de uma vitória do Trump, Biden reconta e apela à divisão

No cenário TIP de "vitória clara de Trump" (ver página 17), Joe Biden - interpretado por John Podesta, director de campanha de Hillary Clinton e Chefe de Gabinete da Casa Branca sob Bill Clinton - retira o seu reconhecimento da vitória eleitoral de Trump e depois convence "três estados com governadores democratas - Carolina do Norte, Wisconsin e Michigan - a exigir recontagens". Os governadores do Wisconsin e Michigan enviaram então "as suas próprias listas eleitorais contra as enviadas pela legislatura estatal" ao Colégio Eleitoral, onde Trump tinha ganho a maioria, para minar se não impedir esta vitória.

Em seguida, "a campanha Biden incentiva os estados ocidentais, particularmente a Califórnia, mas também o Oregon e Washington, colectivamente conhecidos como 'Cascadia', a separarem-se da união, a menos que os republicanos no Congresso concordem com uma série de reformas estruturais. (ênfase acrescentada pelo autor) Subsequentemente, a campanha Biden "com o conselho do Presidente Obama" estabelece estas "reformas" da seguinte forma:

- 1.) Concessão do estatuto de Estado a Washington DC e Porto Rico
- 2.) Dividir a Califórnia em cinco estados "para melhor representar a sua população no Senado".
- 3.) Exigir aos juizes do Supremo Tribunal que se reformem aos 70 anos de idade
- 4.) Dissolução do colégio eleitoral

Por outras palavras, estas "reformas estruturais" correspondem essencialmente ao facto de os Estados Unidos serem constituídos por 56 estados, com os novos estados destinados a assegurar uma maioria eterna para os Democratas, uma vez que apenas as áreas com maioria Democrática (DC, Porto Rico e Califórnia) são concedidas como estados. Notavelmente, noutros cenários em que Biden ganhou a maioria no colégio eleitoral, os democratas não apoiaram a sua dissolução.

Os democratas culpariam Trump pelo golpe democrata

É também digno de nota que nesta simulação a TIP culpa a campanha Trump pela decisão dos Democratas de tomar as "acções provocatórias, sem precedentes" descritas acima. A TIP afirma que a campanha de

Trump "criou as condições para forçar a campanha de Biden a tomar estas acções", talvez porque "deu uma entrevista à The Intercept na qual disse à que teria perdido a eleição se Bernie Sanders tivesse sido nomeado.

A DICA também afirma que a campanha Trump tentaria retratar estas "acções provocatórias, sem precedentes" como se "os Democratas estão agora a tentar orquestrar um golpe ilegal" - embora seja essencialmente isso que estas acções significam. Noutros cenários de simulação, em que a campanha Trump se comporta como os Democratas aqui fazem, a retórica da TIP é decididamente diferente.

No entanto, as acções simuladas da campanha Biden neste cenário não terminaram aí. A campanha de Biden provocou subsequentemente "uma interrupção da sessão do Congresso ao conseguir que a Câmara dos Representantes atribuisse a presidência a Biden", acrescentando que esta foi "baseada nas listas eleitorais alternadamente apresentadas de governadores pró-Biden". O partido Republicano aparentemente discordou, observando que Trump tinha ganho as eleições ao ganhar o colégio eleitoral. A simulação de uma "vitória clara do Trump" termina com a não apresentação de um presidente eleito a 20 de Janeiro de 2021, com o TIP a notar que "não é claro o que os militares fariam nesta situação.

Aparentemente, alguns membros do TIP, incluindo a co-fundadora Rosa Brooks - uma antiga conselheira do Pentágono da era Obama e actualmente membro do pessoal do think tank "Nova América" - têm a sua preferência pessoal pelo "que os militares fariam nesta situação". Brooks, por exemplo, escreveu na revista Foreign Policy pouco depois da tomada de posse de Trump em 2017 que "um golpe militar, ou pelo menos a recusa dos líderes militares em obedecer a certas ordens" era uma das quatro formas de retirar Trump do cargo antes das eleições de 2020.

Quem está por detrás da DICA?

O TIP foi lançado em finais de 2019, alegadamente "por preocupação de que a administração Trump pudesse tentar manipular, ignorar, minar ou perturbar as eleições presidenciais de 2020 e o processo de transição". Foi co-fundado por Rosa Brooks e Nils Gilman. A actual directora é Zoe Hudson.

Brooks, como mencionado acima, foi conselheiro do Pentágono e do Departamento de Estado chefiado por Hillary Clinton durante a administração Obama. Anteriormente, foi também conselheira especial do presidente do Open Society Institute, que faz parte da Open Society Foundations (OSF), uma organização controversa financiada pelo bilionário George Soros. A Directora da TIP Zoe Hudson é também uma antiga líder da OSF, onde serviu durante onze anos como analista política e ligação entre as fundações e o governo dos Estados Unidos.

As ligações da OSF com a TIP são um sinal de aviso por várias razões, nomeadamente que a OSF e outras organizações financiadas pela Soros desempenharam um papel crucial no fomento das chamadas "revoluções de cor" para derrubar governos não-alinhados, especialmente durante a administração Obama.

Exemplos das ligações da OSF a estas "revoluções" fabricadas são a Ucrânia em 2014 e a "Primavera Árabe" que começou em 2011, durante a qual vários governos do Médio Oriente e do Norte de África que eram problemáticos para os interesses ocidentais foram afastados do poder.

E-mails posteriormente divulgados revelaram as relações confidenciais entre Soros e a então Secretária de Estado Hillary Clinton, incluindo um e-mail em que Soros dirigia a política de Clinton sobre a agitação na Albânia, dizendo-lhe que "duas coisas são urgentemente necessárias", nomeadamente "trazer todo o peso da comunidade internacional para o Primeiro Ministro Berisha" e "nomear um alto funcionário europeu como mediador". Ambas as tarefas "urgentes" foram posteriormente levadas a cabo por Clinton.

Implantação dos militares dos EUA em casa

Além dos seus laços com a administração Obama e a OSF, Brooks é actualmente bolseira no Instituto da Guerra Moderna em West Point, onde se concentra na "relação entre o policiamento militar e doméstico" e também no Programa de Policiamento Inovador de Georgetown. Ela é actualmente uma figura chave no esforço documentado liderado pela OSF para "capitalizar" as exigências legítimas de reforma policial para justificar a criação de uma força policial federalizada sob o pretexto de cortar ou eliminar departamentos policiais locais.

O interesse de Brooks em esbater a distinção entre militares e policiais é notável dada a sua anterior defesa de um golpe militar para retirar Trump do cargo e a subsequente conclusão das simulações TIP de que os militares "podem" ter de intervir se Trump vencer as eleições de 2020. (Nota Multipolar: Brooks é casado com Joseph Mour, um antigo oficial das Forças Especiais que, entre outras coisas, escreveu um documento de estratégia sobre o futuro da OTAN).

Brooks é também um membro sénior do grupo de reflexão da Nova América, que, segundo as suas próprias palavras, se concentra em "enfrentar honestamente os desafios colocados pelas rápidas mudanças tecnológicas e sociais e aproveitar as oportunidades que estas mudanças criam". O grupo de reflexão é largamente financiado pelos bilionários de Silicon Valley, incluindo Bill Gates (Microsoft), Eric Schmidt (Google), Reid Hoffman (LinkedIn), Jeffrey Skoll e Pierre Omidyar (eBay). Além disso, a Nova América recebeu milhões directamente do Departamento de Estado dos EUA para pesquisar "direitos digitais". Um destes doadores - Reid Hoffman - foi apanhado a "interferir" nas primárias democráticas em Iowa, onde tentou minar a candidatura de Bernie Sanders. Outros financiadores, como Eric Schmidt e Pierre Omidyar, são conhecidos pelas suas boas ligações à família Clinton e pelas suas ligações à campanha eleitoral Clinton 2016.

Antecedentes: Futuro campo da inteligência artificial

O outro co-fundador da TIP além de Brooks é Nils Gilman, actualmente vice-presidente de programas no Instituto Berggruen e anteriormente na Salesforce, uma grande empresa tecnológica e empreiteiro governamental. Gilman tem um enfoque particular na inteligência artificial (IA) e no transhumanismo. Disse recentemente ao New York Times que o seu trabalho no Instituto Berggruen centra-se na "construção uma rede transnacional de filósofos, tecnólogos, decisores políticos e artistas que pensam em como a inteligência artificial e a manipulação genética estão a mudar o significado de ser humano.

Nicholas Berggruen, que dá nome ao instituto, é, juntamente com Steve Schwarzman de Blackstone e Eric Schmidt, parte da facção liderada por bilionários que estão a tentar desenvolver a IA e a chamada "quarta revolução industrial", juntamente com os líderes políticos e a elite económica da China.

Sobre as questões da IA e da China, eles são críticos e rivais do campo "nacionalista", que em vez disso prefere "saltar" agressivamente as capacidades de IA da China para manter a hegemonia global dos EUA, em oposição a uma "nova ordem" promovida por Berggruen, Schmidt, Schwarzman e Henry Kissinger, outro membro chave da facção "Cooperação".

A luta sobre a futura política de AI dos EUA em relação à China parece ser uma razão importante mas largamente esquecida para a relutância dos membros da facção "Cooperação" em relação ao Trump, incluindo aqueles que empregam os fundadores da TIP. Trump, pelo menos publicamente, tende a apoiar a política de "América Primeiro" e a aumentar as tensões com a China. Em contraste, a família Biden investiu em empresas chinesas de IA, sugerindo que Biden estaria mais disposta a prosseguir os interesses da facção "Cooperação" do que Trump.

A facção "Never Trump"

Embora a identidade dos fundadores e do actual director do TIP seja conhecida publicamente, a lista completa dos membros não foi publicada. No entanto, a organização "irmã" do TIP, chamada The National Task Force on Election Crises (NTFEC), tem uma lista pública de membros e sabe-se que vários dos seus membros são também membros do TIP. Estes membros sobrepostos incluem Michael Chertoff, antigo chefe do Departamento de Segurança Interna (DHS), Michael Steele, antigo presidente do RNC, e Lawrence Wilkerson, em tempos chefe de gabinete do Secretário de Estado Colin Powell.

Chertoff, Steele e Wilkerson são republicanos, mas tal como os outros membros republicanos bem conhecidos da TIP, pertencem à chamada facção "Never Trump" dos republicanos. Assim, embora a natureza "bipartidária" da PIA possa ser verdadeira em termos de filiação partidária, todos os membros conhecidos da PIA - independentemente do partido - estão unidos na sua oposição a um novo mandato para o actual presidente.

Outros membros conhecidos do TIP são David Frum (The Atlantic), William Kristol (Projecto para um Novo Século Americano, The Bulwark), Max Boot (Washington Post), Donna Brazile (ex-DNC), John Podesta (antigo director de campanha da campanha de Hillary Clinton em 2016), Chuck Hagel (antigo Secretário da

Defesa), Reed Galen (co-fundador do Projecto Lincoln) e Norm Ornstein (American Enterprise Institute).

Revolução das cores nos EUA? - "É assim que estas coisas começam"

Dos seus membros conhecidos, Lawrence Wilkerson é o mais franco, que nomeou ele próprio o porta-voz "não oficial" do grupo após ter dado a maioria das entrevistas aos meios de comunicação social para promover o grupo e os seus "jogos de guerra". Numa entrevista com o jornalista Paul Jay no final de Junho, Wilkerson observa que o TIP carece de transparência e que outras actividades, para além dos "jogos de guerra", são largamente confidenciais. Ele declarou explicitamente

"Existe um grau de confidencialidade em relação ao que acordámos e ao que tornámos público, quem é responsável por isso e outros aspectos do que fazemos. O Projecto de Integridade da Transição é muito, muito próximo e confidencial neste momento".

Na mesma entrevista, Wilkerson observou também que a actual "combinação de acontecimentos", incluindo os motins em várias cidades dos EUA, a crise do coronavírus, o debate nacional sobre o futuro da força policial, a recessão económica e as eleições presidenciais, é a base para uma revolução nos EUA:

"Gostaria de dizer que começou dessa forma na Rússia em 1917, em Teerão em 1979 e em França em 1789. É assim que estas coisas começam. Portanto, temos de ser muito cuidadosos na forma como lidamos com estas coisas. E isso preocupa-me, porque não temos uma pessoa muito cuidadosa na Casa Branca".

O golpe de Estado e a duplicidade de critérios

Embora seja bem possível que no caso de uma vitória clara de Biden, o Presidente Trump possa recusar-se a deixar a Casa Branca ou tomar outras medidas que possam prejudicar a confiança de muitos americanos no sistema eleitoral. No entanto, a declaração do TIP de que está particularmente preocupado com esta possibilidade e com a "protecção" da democracia sem favorecer nenhum dos candidatos é claramente

incorrecta.

A sua simulação de uma vitória clara do Trump mostra muito mais que o comportamento extremo e "antidemocrático" é, na sua opinião, perfeitamente admissível se impedir o Trump de ganhar por mais quatro anos. Este padrão duplo mostra que um grupo influente de infiltrados "não partidários" pretende conjurar uma "crise constitucional" no caso de uma vitória do Trump - e que estão a planear com antecedência uma tal crise, independentemente do resultado das eleições de 2020.

Muito antes de o TIP ou qualquer um dos seus grupos afiliados aparecer para conduzir estas simulações eleitorais apocalípticas, outros grupos estavam igualmente envolvidos em "jogos de guerra" que previam o caos total nos Estados Unidos no dia das eleições e a imposição da lei marcial após o surto de agitação sem precedentes no país.

Descrevi algumas delas no início deste ano numa série que se centrou principalmente na simulação da "Operação Blackout", que foi conduzida pela empresa israelo-americana Cybereason. Esta empresa tem ligações com os serviços secretos dos EUA e de Israel. O seu maior investidor é a Softbank. Softbank é descrito pela Comissão de Segurança Nacional sobre IA (NSCAI), liderada por Eric Schmid, como a "espinha dorsal" de uma rede global de empresas de IA favorecida pela facção "Cooperação" como um meio de realizar a "quarta revolução industrial" em cooperação com a elite económica e política da China.

"A democracia dos EUA nunca irá recuperar"

Para além da Cybereason, várias reportagens dos media e uma série de "previsões" dos Serviços Secretos dos EUA e de outras agências federais publicadas no ano passado espalharam a história de que não só as eleições presidenciais de 2020 fracassariam de forma espectacular, mas que a democracia dos EUA "nunca recuperaria". Agora que as simulações TIP foram acrescentadas e o caos previsto em todo o país está apenas a semanas de distância, é evidente que as eleições de 3 de Novembro serão não só um desastre completo, mas também um planeado com antecedência.

Isto levanta a questão de quem irá beneficiar deste caos durante e após as eleições. Como a TIP indicou em

várias das suas simulações, o papel dos militares como uma força policial interna (que por acaso é exactamente a especialidade da co-fundadora da TIP Rosa Brooks) é de grande importância após as eleições, uma vez que a maioria das simulações acima mencionadas termina com a imposição da lei marcial ou "intervenção" dos militares para restaurar a ordem e acompanhar a mudança de poder.

O quadro interno para a imposição da lei marcial nos Estados Unidos através de protocolos de "continuidade do governo" foi activado no início deste ano sob o pretexto da crise do coronavírus e continua em vigor. Assim, actualmente, vários grupos estreitamente associados ao estabelecimento de Washington e aos serviços de inteligência nacionais e estrangeiros previram os métodos precisos de como iniciar uma eleição falhada e manipular o seu rescaldo.

Caos planeado - quem beneficia?

Quem beneficiaria mais com a imposição da lei marcial nos Estados Unidos? Poder-se-ia argumentar que não é preciso ir além da batalha dentro das facções do poder de Washington sobre o futuro da IA, que é vista pelo sector público, o sector privado e os grupos de reflexão proeminentes como crucial para a segurança nacional. O NSCAI liderado pelo Schmidt e outros organismos que regem a política de IA do país estão a planear implementar uma série de medidas que irão encontrar uma resistência feroz por parte da maioria dos americanos - incluindo a abolição da propriedade individual de automóveis, a eliminação de dinheiro, e a imposição de um sistema de vigilância orwelliano.

Todos estes planos têm sido impulsionados sob o pretexto de combater o coronavírus, mas esta justificação não pode ser usada para sempre. Para grupos como o NSCAI, os americanos devem saudar estes avanços impulsionados pela IA, caso contrário arriscam-se a perder os seus empregos ou as suas liberdades civis. Caso contrário, estes grupos e os seus doadores multi-bilionários argumentam, os EUA ficarão "de fora" quando chegar a altura de estabelecer os novos padrões globais para a tecnologia da IA, uma vez que os EUA serão então ultrapassados pela crescente indústria de IA da China.

Enquanto os americanos estão a ser mantidos irritados e distraídos por divisões partidárias e caos eleitoral pré-planejado, uma "Nova América" está à espera nas asas - uma que virá independentemente dos

resultados eleitorais. A menos que os americanos acordem rapidamente e se apercebam do engano.

Nota: Este artigo apareceu pela primeira vez a 3 de Setembro sob o título "'Bipartisan' Washington Insiders Reveal Their Plan for Chaos if Trump Wins the Election" no Hangout Ilimitado. Agradecemos à autora pela sua amável permissão para publicar o texto. Tradução: Multipolar

Sobre o autor: Whitney Webb tem sido escritora e jornalista desde 2016. Escreveu para várias revistas online e foi escritora e repórter de investigação sénior da Mint Press News de 2017 a 2020. Escreve actualmente para The Last American Vagabond.

+++

Este artigo apareceu pela primeira vez sob forma traduzida na revista [Multipolar](#).

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: Encomenda Visual / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK